Voz de S. Antonio

Revista mensal illustrada

Abençoada por S. S. o Papa Leão XIII pelo Ex.mo Ordinario e varios Prelados.

N.º 2

FEVEREIRO
SÉRIE 4.ª
7.º anno

Gautier

CHRONICA LIGEIRA [1]

SUMMARIO: *Campanha maçonica, Viva a liberdade!... Abaixo a reacção!... Morram os frades!...*

Grande campanha em toda a linha! A *familia liberal* prega a guerra santa contra a reacção, levando na vanguarda das suas hostes os academicos, transformados de cultores da sciencia em apedrejadores de vidraças.

Nobre papel distribuido á geração nova!

Não é difficil adivinhar a mão occulta que põe em movimento os actores de comedia selvagem que se está representando em Hespanha e que reproduz com desoladora monotonia os episodios das varias campanhas maçonicas emprehendidas de tempos a tempos.

Haja vista a famosa jornada de 30 de julho em Lisboa.

A maçonaria franceza, á qual pertence a maioria da camara e do governo, resolveu transformar em lei os seus planos de destruição da liberdade de associação religiosa, aggravada pelo confisco dos bens das congregações.

A discussão tem corrido pouco favoravel á proposta de lei. Catholicos e liberaes dignos d'este nome téem desmascarado o espirito sectario e oppressor que, afivelando a mascara da liberdade, pretende esbulhar os catholicos do direito de associação e de ensino.

Era preciso pois provocar aqui e acolá manifestações que influenciassem a opinião mostrando que o espirito publico é adverso ás ordens religiosas, até mesmo nos paizes mais crentes.

Começa pois a campanha em certa imprensa.

Recorre-se a todos os meios até a estatisticas falsificadas de criminalidade, tendentes a mostrar que o clero e as ordens religiosas téem por attributo a mais monstruosa devassidão.

Haja vista uma resenha de suppostas condemnações de padres e religiosas, que depois de publicada no *Mundo* e no *Norte* foi distribuida em Coimbra em folha solta, com o seguinte exordio:

(Aos reaccionarios)

«Como a lucta entre reaccionarios e liberaes está, no momento presente, occupando todas as attenções, e a Academia de Coimbra se propõe tomar a patriotica e alevantada resolução de pedir ao parlamento o rigoroso cumprimento das leis que baniram do territorio nacional as ordens religiosas, vem a proposito tornar bem publico o que são e o que representam essas ordens em face da moral e dos bons costumes dos povos que as toleram.

«Para isso nada melhor do que apresentar factos, factos que attestam bem eminentemente as condições putridas e indecorosas em que ellas baseiam, em regra, a sua abjecta e abominavel existencia.

«Com esse fim vamos reproduzir a estatistica das condemnações decretadas pelos tribunaes francezes, durante o anno de 1900, contra padres, frades, freiras e seus adherentes.

«Lêndo tão monstruoso cadastro, por certo que os *meninos virtuosos* da nossa Academia (pertencentes á Irmandade do cego Assumpção), não deixarão de enthusiasticamente louvar e applaudir *praticas* tão harmonicas com as doutrinas do Divino Mestre!»

Nos jornaes a que alludimos fala-se dos *Flaminios* ou *Flamidianos*.

Não se averigua se são verdadeiras ou suppostas as condemnações enumeradas: se muitas d'ellas não representam processos em que foi reconhecida a innocencia dos accusados, victimas de odiosas tramas sectarias

A calumnia reveste assim uma fórma incoercivel.

Que importa que a estatistica official da criminalidade das profissões liberaes em França dê os seguintes resultados, relativos ao periodo de 1894 a 1898?

Profissões	Crimes nos 4 annos	Numero de pessoas do grupo	Media annual por 100:000
Tabelliães, advogados, procuradores, etc...	95	27:691	85,76
Medicos, cirurgiões, parteiras, pharmaceuticos	52	42:579	30,53
Artistas.....	32	23:636	33,8
Professores congreganistas..	9	60:625	3,71
Professores seculares..	41	110:669	3,93
Clero e congregações reunidos	29	232:441	3,11

A vida religiosa não assegura a impecabilidade, mas é uma garantia de moralidade e a estatistica o comprova, accusando a superior morigeração do clero e das congregações.

Em Hespanha surge um drama de Peres Galdós, ao qual fazem enorme reclame, por informação, os que ainda o não ouviram nem lêram.

N'esse drama, architectado sobre thema gasto, grita em scena o protogonista da peça:

«*E' preciso matar os jesuitas! E' preciso deitar fogo aos conventos!*»

Estas provocações selvagens e criminosas á violencia fazem estarrecer de admiração os que a cada passo condemnam a matança dos protestantes em Paris ou dos christãos novos em Lisboa.

Não podemos ajuizar de um drama que não conhecemos senão pelos commentarios enthusiasticos do *Mundo*, assás suspeitos e que bem parece obedecerem a uma palavra de ordem.

Começam, após a sua representação, as manifestações *liberaes*... á pedrada e aos morras em nome da liberdade.

Partem se vidros de collegios, conventos e igrejas. Apedreja se a carruagem do Nuncio. Maltratam-se sacerdotes inermes.

E o ir.·. correspondente da *Vanguarda* refere, com prazer manifesto, n'uma correspondencia a que são dadas as honras de artigo de fundo:

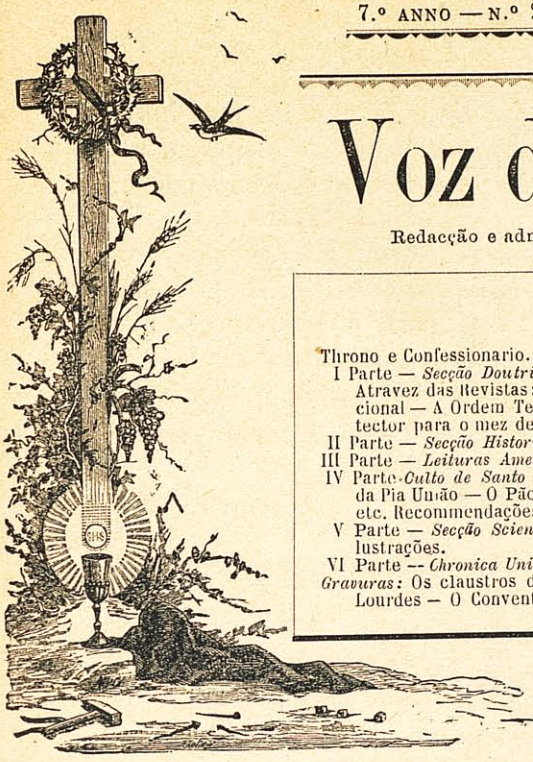
«A' saida do tribunal um enorme grupo de liberaes, republicanos, onde se viam os estudantes de todas as faculdades, dirigiu-se ao estabelecimento dos

---

(1) Damos d'esta vez o logar na apreciação critica dos factos recentes, ao por todos os respeitos distinctissimo director do *Correio Nacional*, José Fernandes de Sousa (Nemo).

Trabalhavamos precisamente em expor summariamente aos nossos leitores as scenas canibalescas que se deram ultimamente contra as ordens religiosas, quando nos veio ás mãos o numero 2:388 do *Correio Nacional* onde Nemo expõe o estado da questão e aprecia-o competentemente. Perfilhamos as suas idéas, e gozamo-nos de as fazer correr mundo.

7.º ANNO — N.º 2 4.ª SERIE FEVEREIRO — 1901



Voz de S. Antonio

Redacção e administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

SUMMARIO

Throno e Confessionario.
I Parte — *Secção Doutrinal:* A Ordem Terceira Franciscana e o Movimento Social— Atravez das Revistas: La Tribune, a Quinzena — Portugal no Congresso Internacional — A Ordem Terceira da Covilhã— A Ordem Terceira de Ovar — Santo Protector para o mez de março, Virtude a imitar—Indulgencias, etc.
II Parte — *Secção Historica:* Uma historia verdadeira — Pensamentos — Anecdotas.
III Parte — *Leituras Amenas:* A oração de um anjo.
IV Parte-*Culto de Santo Antonio:* Um milagre de Santo Antonio — Novos membros da Pia União — O Pão de Santo Antonio em Braga, Varatojo, Guimarães, Barcellos, etc. Recommendações—Os nossos defuntos.
V Parte — *Secção Scientifico-Litteraria:* As gréves — Bibliographia — As nossas illustrações.
VI Parte — *Chronica Universal.*
Gravuras: Os claustros do Convento d'Alcobaça—Uma Prophecia de Santo Antonio—Lourdes — O Convento de Varatojo.

Editor — D. J. de Souza Gomes.

Pap. e Typ. Universal — Augusto Costa & Pereira.

Throno e Confessionario

A REALEZA está em finanças, disse um escriptor em pleno seculo XIX.

O seculo XIX passou, e os reis ficaram. Ficaram, mas n'uma época de verdadeiro decadentismo.

Morrem muitos, dizia Pio IX, e os que nos ficam não téem força, nem vigor por que reinam sem governar.

E, todavia, podemos affirmar sem sombra de equivoco que na aurora do seculo XX ha reis como nunca.

Afóra os *reis sociaes* que exercem o seu ascendente em toda a esfera da actividade humana, áparte os soberanos chamados vulgarmente *reis da moda*, do petroleo, da Bolsa, dos Bancos, dos caminhos de ferro, ha no dominio da politica uma praga de reis, verdadeiros soberanos porque reinam e governam.

Reis são os ministros e os deputados da nação; reis os governadores de Provincia, e os alcaides da cidade; reis os juizes no tribunal, os laureados nas cathedras e a maior parte dos homens publicos a quem o racionalismo filtrou esse *espirito forte d'indepencia* que faz de cada homem um rei.

Facto notavel! Enervou-se nos povos o antigo sentimento monarchico, e a linha dos poderosos engrossou... *Sereis outros deuses*, disse aos nossos primeiros Paes a serpente! *Sereis tantos soberanos*, disse a Revolução ás modernas gerações.

Consignamos factos, não fazemos commentarios. Mas o peor é que a estes factos está ligado um outro de não menos terrivel influencia. E' que n'este universal pantheismo monarchico em que a auctoridade e a lei vão ao fundo, o primeiro soberano a quem se pretendeu negar auctoridade foi Jesus, Rei dos Reis e Senhor dos Senhores.

Negada obediencia a Deus, arbitro das Republicas, onde havia de ir parar a humana auctoridade?

D'antes o Rei não só lograva mais auctoridade, mas era mais sujeito á Religião. Emquanto encadeava a propria consciencia aos suaves grilhões da fé, mantinha mais firmes as redeas do governo. A sujeição individual á verdade religiosa, garantia-lhe a paz social e a sujeição dos vassallos ao mando.

Para que lhe não faltasse um representante visivel da verdade e da justiça cujos depositos lhe confiára a Providencia, não se desdenhava de pôr ao lado do conselheiro politico o conselheiro religioso: O CONFESSOR.

Um confessor valia mais do que cem boas leis. Estas eram objectivas, quasi sempre destituidas de sancção e de força coactiva para o soberano, ao passo que o confessor era lei viva, reflexo da lei eterna; era evangelho d'amor a illuminar o coração do Principe e a inspirar-lhe sentimentos de bondade e de justiça; era finalmente salutar temor de Deus a lembrar continuamente ao soberano as suas tremendas responsabilidades.

Mas isso passou á historia. O liberalismo multiplicou os reis e reduziu os confessores. Haja vista ao que se passa em quasi todos os gabinetes politicos da Europa. Abaixo os Confessores! Dizia não ha muito o *Liberal*, folha hespanhola. Abaixo os Confessores, que é vergonhoso falar d'essa gente no seculo XX!

Desceu tão baixo o nivel da descrença e da paixão que não se vêem com bons olhos os mensageiros da verdade e da justiça, lidimos representantes da fraternidade, da egualdade e da dignidade humanas.

Alliança do throno e do confessionario? Utopia! Miseravel decepção!

E, todavia, nunca o confessionario fez no mundo tanta falta como hoje em dia em que se multiplicaram os thronos, sem se multiplicar a prudencia, o cosnelho e o temor de Deus.

As coisas levariam bem outro rumo se fôssem mais vezes á confissão o ministro do estado, o governador da Provincia e o deputado da Nação.

Não porque aos confessores cumpra julgar, administrar e governar os bens da terra que nem para isso é a Igreja, mas porque lhes incumbe o stricto dever e a alta missão de lembrar aos povos e aos soberanos que ha um Deus a quem todos hão de dar conta dos seus actos, um Deus que desde o silencio da eternidade, dictou uma Lei superior a todas as leis, um Deus que a todos remiu para todos metter no circulo da caridade christã, um Deus que morreu por todos para todos viverem.

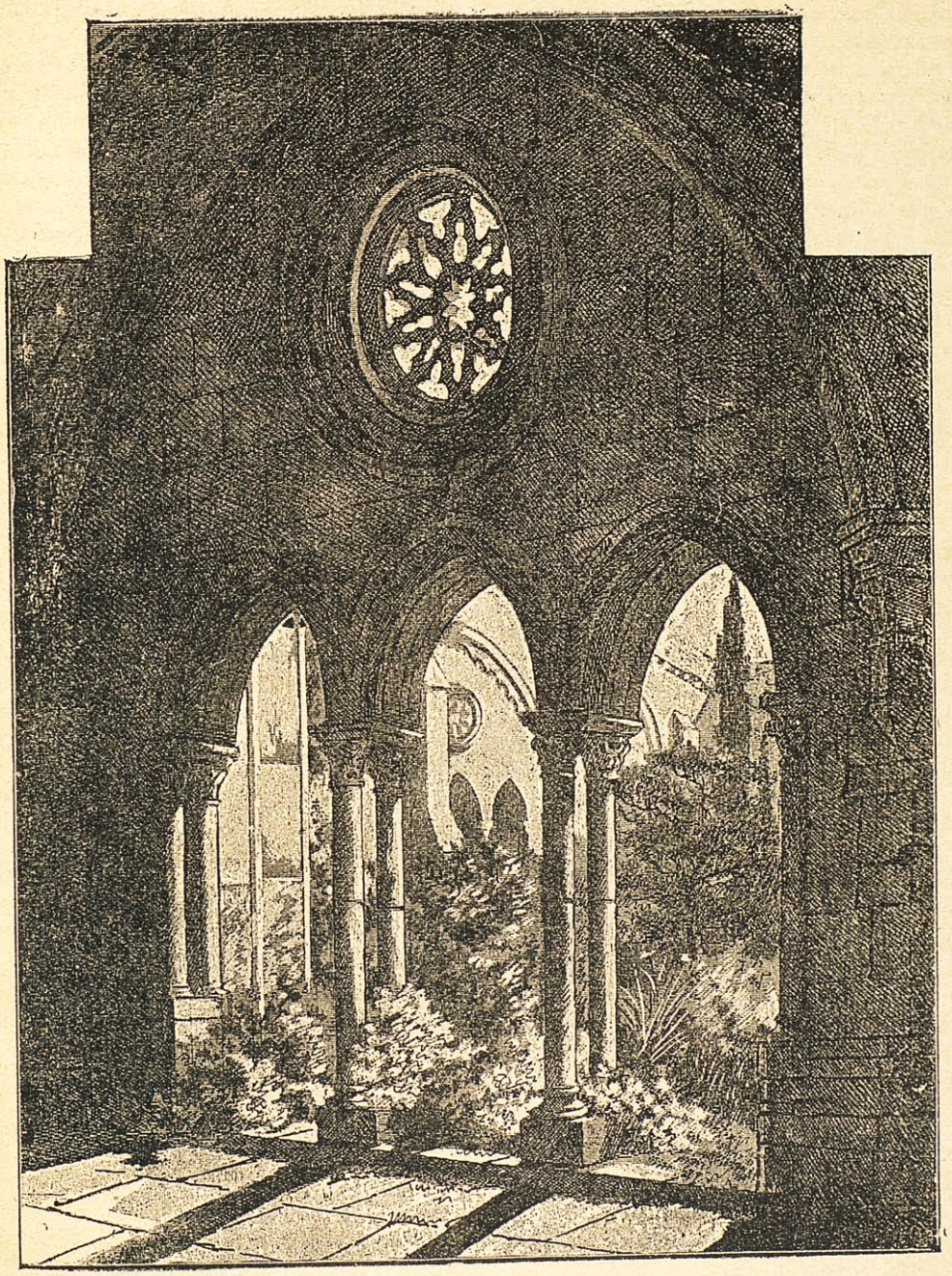
Antigualhas! Dirão: Para dar conselhos ahi está a imprensa, para legislar são os deputados e para manter a ordem os policias. E eu direi que para dar uma triste idéa do que vale a imprensa, a legislação e a policia modernas basta abrir os olhos e vêr. *Qui habet oculos videndi videat.*

Secção doutrinal

A Ordem Terceira Franciscana e o movimento social

Ha uns bons sete seculos que n'uma obscura terra d'Italia um homem a quem as turbas acclamavam santo reunia em torno de si alguns filhos do povo, vestia-os com uma grossa estamenha e apertava-os com uma rude corda. Esse homem providencial chamou-se FRANCISCO e boa parte de seus filhos chamaram-se TERCEIROS FRANCISCANOS.

A christandade era então um theatro



Os claustros do Convento d'Alcobaça

de acontecimentos estrondosos e de grandiosas epopêas. Travava-se guerra aberta entre o Evangelho e o Alcorão, entre a civilisação e a barbaria, entre a liberdade e a escravidão.

Soára a hora em que os Césares Allemães sonhando o imperio dos mundos suscitavam luctas sacrilegas contra a Italia e contra o Papa.

A França feudal, zombando dos enredos das seitas, espedaçava fortemente e reduzia a pó os Albigenses emquanto a Hespanha Catholica, sacudindo o jugo musulmano reconquistava a sua independencia.

E, todavia, d'entre factos de tamanho alcance nenhum relatam os chronistas mais surprehendente para os espiritos reflectidos do que a silenciosa apparição dos *Frades da Penitencia*.

Eu não sei se Francisco desvendou os mysterios do porvir quando deu á Igreja um novo exercito escudado da pobreza. Não sei se elle contemplou em seu espirito prophetico a legião dos santos e dos martyres, dos Papas e dos reis, dos sabios e dos doutores, dos artistas e dos poetas que no rodar dos seculos deviam de infileirar-se entre os exercitos da Penitencia. Ignoro se entreviu claramente que a liberdade e a justiça, a causa de Deus e da Patria achariam entre seus filhos defensores aguerridos e soldados valentes. Tambem não sei dizer se elle comprehendeu logo, ao principio o alcance todo d'uma obra collossal que havia de perpetuar-se atravez do tempo e do espaço, cheia de vida e de immortalidade.

O que eu sei e de que não posso duvidar — porque tenho por mim a historia e a voz auctorisada de Leão XIII é que d'essa obra tão humilde e fraca nas apparencias ia brotar a regeneração e a salvação da Europa christã.

Ainda não eram volvidos cincoenta annos após a fundação da Ordem Terceira, e já a christandade tinha outra cara. Por toda a parte reverdeciam as flôres da castidade, da penitencia e do amor divino como nos tempos apostolicos.

As multidões arrependidas abjuravam a heresia e o scisma; os planos de Frederico II desfaziam-se em pó e emquanto as cidades d'Italia sacudiam o jugo dos Gibelinos, o Papa, arbitro supremo dos povos e dos reis cobrara a sua independencia.

O Feudalismo foi batido, a escravidão abrogada, a emancipação das communas estabelecida. Abriram-se as primeiras instituições de credito mutuo e reprimiram-se a usura e as exacções sociaes.

A Ordem Terceira foi no seculo XV para a França o baluarte da independencia nacional contra os inglezes. Joanna d'Arc que segundo as maiores probabilidades era Terceira Franciscana, e que nos momentos de prova se confessava e encostava sempre aos franciscanos, encontrou nos Terceiros — os seus mais valentes admiradores e defensores.

Quando abortou o Protestantismo, a Ordem Terceira redobrou de energia e de actividade. Luthero e Calvino não tiveram inimigo mais encarniçado. Na Inglaterra a lucta contra Henrique VIII obedecia aos planos dos Terceiros designadamente de Thomaz Morus que pagou a sua audacia com morte violentissima. Na França eram elles a alma da Liga, d'esse movimento formidavel que não deixou baquear na apostasia o grande reino de Carlos Magno e de S. Luiz. Atacaram de frente o gallicanismo emquanto embargavam os passos ao Jansenismo e ao Absolutismo real.

Mas não são os resultados fecundos de maravilhosa restauração social, não é uma historia gloriosa, não são glorias e triumphos d'outras eras o que importa aqui registar

Vale mais a pena abordar uma questão interessantissima e de flagrante actualidade: — *Se a Ordem Terceira passou á historia?*

Acabou já o seu alcance religioso e social? Estamos porventura diante d'uma instituição morta ou archaica? Ou bem ao contrario ha alguma coisa a esperar na hora presente da sua tão decantada influencia?

Leão XIII que em face das tempestades cruzadas no horizonte da Igreja, está sempre de atalaia para acudir aos seus filhos, apella com uma obstinação singular para as instituições franciscanas como para a salvação da Igreja e da sociedade.

E um lance d'olhos por sobre os males de que enferma o mundo actual, um estudo mesmo summario dos resultados que a Ordem Terceira póde logicamente produzir nos levará á convicção de que o Papa falou verdade.

São moralistas e pensadores que o attestam. O sensualismo devora-nos; o luxo, o orgulho e a cobiça desecam uma geração decadente. Para que as modernas sociedades não tombem n'um outro paganismo urge proclamar a necessidade da mortificação, da humildade, da castidade, da constante pratica das virtudes christãs á sombra da Cruz, isto é, do Evangelho em toda a sua influencia nos espiritos e nos corações.

Mas isto não é tudo. A despeito das modernas civilisações, o organismo social enferma d'uma doença radical: falta-lhe o que dá força aos imperios e ás republicas, isso que o grande exercito dos desafortunados reclama dia a dia n'um accesso de colera: — A JUSTIÇA.

A Revolução emfim promettera ao mundo a fraternidade e a paz, e, todavia, decorridos cem annos após a inauguração do seu reinado, lavram por toda a parte a discordia e a guerra, no seio das familias e nos ateliers, nos grandes centros como nas pequenas povoações.

Até os bons, eivados de miseravel egoismo, sem unidade de vistas e de tendencias consomem bem vezes o tempo em miseraveis questões domesticas, em vez de cerrar fileiras para oppôr á invasão do mal um exercito compacto e imperterrito.

Na esperança, não de reformar o mundo, mas de concorrer com uma pequenissima pedra para a reconstrucção do edificio social, vamos mostrar que a Ordem Terceira é

1.º — Um transmissor fecundo de vida christã e espirito evangelico.

2.º — Um dos mais poderosos instrumentos de acção social.

3.º — Um dos meios mais efficazes de pacificação e de federação christãs.

Atravez das Revistas

La Tribune de Saint Antoine. (25 de janeiro).—*Antoine de Valdespoir. O Catholicismo social.* Todo o homem que vive na sociedade tem á sua mão duas fortes potencias para bem ou para mal do meio em que vive: O egoismo e a caridade.

O EGOISMO é a oppressão do fraco, do pobre, dos meninos, das mulheres, da grande classe dos desprotegidos, e é a feição dominante do mundo pagão.

A CARIDADE é o principio e o fim da Nova Lei, Lei de restauração social operada por Jesus Christo, Lei unica debaixo de cuja benefica influencia corre em magestoso cortejo a grande legião dos apostolos, dos martyres, das virgens, dos religiosos, emfim de todos os catholicos sociaes.

Fazer salientar bem estas duas idéas tal foi o pensamento do judicioso articulista em todo este seu artigo cujas ultimas palavras fazemos nossas, propondo-as aos nossos leitores:

«A nossa vontade ajudada da graça divina «fará em pedaços os grilhões do egoismo.

«A fonte da caridade corre abundante e pe«renne aos pés da Cruz. Vão lá os sedentos de «bem-estar que só de lá é que manam rios de «amor para as veias da sociedade.»

Quinzena Religiosa da Ilha da Madeira.— *Irmãs Franciscanas de Santa Cruz.* — As Irmãs de Santa Cruz que hoje são 25, acceitaram em 1898 a direcção da escola Salesiana de *Sant'Anna*, e em 1899 a da escola de *Santa Magdalena de Porto Moniz*, prosperando rapidamente as duas escolas de um modo muito consolador, tendo já uma frequencia de 150 alumnos.

Em 1899 a Divina Providencia inspirou a uma nobre dama estrangeira a fundação, no Santo da Serra, de uma espaçosa e bella casa escolar, com capella adjunta, para que as referidas Irmãs podessem combater alli a propaganda calvinista com as mesmas armas por ella empregadas.

Construida e dotada a escola com uma pequena renda annual, a generosa fundadora fez doação da casa ao Exc.mo Prelado diocesano, que vê assim satisfeito, de um modo inesperado, um dos mais ardentes votos do seu coração.

A Ordem Terceira de S. Francisco d'Assis.— No pensamento do Summo Pontifice Leão XIII a Ordem Terceira Franciscana, é o meio Providencial, offerecido aos catholicos do nosso tempo, para se retemperarem na fé e bons costumes christãos, e assim se habilitarem para luctar com vantagem contra o terrivel Socialismo, e salvaguardar a ordem e a paz social.

A confraternidade do Funchal precisava de reforma, de organisação e de vida nova.

O piedoso Prelado deu o exemplo, e, á imitação do S. P. Leão XIII, recebeu o santo habito, e fez a sua Profissão. Tão nobre exemplo provocou uma santa consolação, e ainda que o progresso e a composição da Confraternidade Funchalense não satisfaça plenamente, já conta mais de 400 membros dos dois sexos, entre os quaes uma duzia de ecclesiasticos.

Portugal no Congresso Internacional

Ordem Terceira da Covilhã

Exc.mo e Rev.mo Snr.

TENHO a honra de participar a V. Rev.ma que a mesa da Veneravel Or-

dem Terceira secular de S. Francisco d'esta cidade da Covilhã em sua sessão de hoje, escolheu V. Rev.ma para a representar no Congresso Franciscano que deve celebrar-se em Roma nos dias 25, 26, 27 e 28 do corrente mez de maio, e por isso delega-lhe incondicionalmente todos os poderes necessarios.

Agradece penhoradissima a V. Rev.ma o seu offerecimento para desempenhar a missão de seu representante no Congresso Geral da Ordem 3.ª a que adhere d'alma e coração, remettendo inclusa a sua breve *memoria* em harmonia com a carta *apello* que nos foi dirigida, e confiando na pericia, sciencia e virtudes de V. Rev.ma que saberá magistralmente desempenhar-se d'este encargo e propugnar e defender os interesses d'esta nossa Ordem Terceira.

Envio onze mil réis para o obulo do dinheiro de S. Pedro, esmola diminuta, é verdade, mas valiosa pela maneira voluntaria, piedosa e crente com que foi dada.

Deus guarde a V. Rev.ª, Covilhã 6 de maio de 1900.

Exc.mo e Rev.mo Snr. Fr. João da SS. Trindade, Superior dos Franciscanos em Portugal.

O P.e Commissario — Prior *João Chrysostomo Barbas da Torre Ramos.*

Memoria

A Veneravel Ordem Terceira secular de S. Francisco da cidade da Covilhã—Portugal — foi fundada pelos Frades franciscanos no seu proprio convento cêrca do anno 1300.

Tem approximadamente mil e duzentos irmãos, no geral pobres e operarios. Os seus fins são caritativos e beneficentes, mas infelizmente não póde exercel-os por falta de recursos para a fundação do hospital que devia ter, e por tanto limita-se a soccorrer uns 20 irmãos em suas casas com uma pequena esmola.

Nos segundos domingos de cada mez ha missa chamada da rasoura e Mesa para alistamento de nossos irmãos, e bem assim n'este dia se faz desaggravo ao SS. Sacramento e pratica, e ainda no dia 6 de janeiro festa dos Santos Reis, e ha tambem a distribuição de advogados e protectores do anno dos mesarios e outros irmãos da Ordem Terceira.

Celebram-se as festas das Chagas de N P. S. Francisco — das Quarenta Horas e Resurreição com algum esplendor; procissão da cinza — enterro e Resurreição: — anniversario pelos irmãos fallecidos, no oitavario da Quaresma e as absolvições nos dias costumados.

Existe compromisso novo e em vigor, em harmonia com a constituição do Nosso SS. Padre Leão XIII, sendo observado quasi integralmente, porém não está approvado pelas auctoridades civis, por escassearem os fundos da Ordem Terceira, que se sustenta quasi exclusivamente das esmolas dos fieis.

As difficuldades são grandes e insuperaveis, porque a indifferença dos ricos, e despreso e desdem com que os homens do seculo vêem o habito do Terceiro Franciscano, affastam muita gente e oppõem obstaculos aos que melhor comprehendem esta Santa constituição, que deveria ser favorecida pelos nossos governos que só tendem a definhal-a e estinguil-a pelos tributos e encargos com que diariamente a opprimem.

Os Terceiros Franciscanos d'esta cidade adherem ás decisões que se tomam no Congresso, e como prova de amor filial para com S. Santidade, e de obediencia e sujeição aos dignos Superiores da Ordem Terceira de S. Francisco e satisfazendo as suas ultimas instruoções, tomam a liberdade de offerecer pelo seu dignissimo representante no Congresso, o pequeno obulo de onze mil réis para o dinheiro de S. Pedro.

Por ultimo sollicitam a graça de nas suas festas se poder dar aos fieis assistentes a benção Papal pelo seu Padre Commissario.

Covilhã, 16 de maio de 1900.

Ordem Terceira de Portalegre

Breve memoria ácerca da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco de Portalegre

A Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco da cidade de Portalegre tem a sua séde na igreja que pertenceu aos Religiosos Observantes da Provincia dos Algarves e que hoje está a seu cargo.

Este convento teve o seu principio pelos annos de 1240 no reinado de D. Sancho II.

Começou a edificação com as esmolas que os fieis e povo da cidade liberalisavam, augmentando depois com a protecção de D. Affonso III, que mandou construir a igreja,

como refere Fr. Jeronymo de Belin, chr. dos Algarves, tom. I, liv. IV cap. 2.º, sendo a obra concluida por D. Diniz, como se vê de um marmore que estava sobre a portaria do convento e que para não se perder, porque fôra arrancado d'aquelle logar, quiz collocar no atrio da igreja. Tem esta pedra gravadas as quinas reaes de Portugal, e na circumferencia em caracteres gothicos :

«Dõ Dinis. Rey de Portugal
E do Algarve acabou esta
Obra. Era de M CCCLIII
A onra de Sã Francisco»

Corresponde aquella data, segundo a era de Cesar, ao anno de Christo 1315. O chronista da Ordem Seraphica, mal informado, diz que o lettreiro é o seguinte :

Dominus Dionisius Portugaliæ
Rex aedificavit hoc Monasterium.

Isto prova que o dito chronista não viu a pedra.

D. Diniz não edificou, mas só concluiu a obra, o que se infere tambem de uma verba do testamento de seu pae D. Affonso III, feito na era de 1309, que corresponde ao anno de Christo 1271, no qual deixa um legado de 50 libras aos frades menores de Portalegre—*item fratris Minoribus de Portu alacri 50 libras* (Souza, Prov. á Hist. Geneolog. da Cas. Real Port., tom. I, liv. 1, n.º 28.)

Ora, faço esta menção historica, porque n'um livro escripto em portuguez, cujo titulo e auctor ignoro, mas que não pude consultar, se declara que esta Ordem Terceira é coeva com a fundação do Convento, isto é, com o estabelecimento dos frades da primeira Ordem.

a) Não existem no archivo da Ordem documentos que nos habilitem a fixar a data da sua primitiva instituição, mas vê-se que é anterior a 1500.

b) O numero de irmãos terceiros que actualmente conta é superior a 200.

c) E' muito pobre, e não tem a seu cargo hospital, asylo, ou escola.

d) Celebra as festividades do Patriarcha S. Francisco, de N. Senhora da Conceição, procissão na 1.ª dominga de quaresma, festas da Invenção e Exaltação da Santa Cruz, que possue uma reliquia notavel, officio pelos irmãos fallecidos, em novembro. Celebra tambem festa a Santo Antonio uma irmandade estabelecida na igreja; e outras menos importantes se celebram no mesmo templo.

e) Não é fielmente observada a nova reforma estabelecida por Leão XIII.

f) Dou sempre um exemplar impresso aos Terceiros para estudarem e conhecerem a dita reforma. Julgo muito complexas as causas d'este facto, devendo especialisar a falta de fervor e o enfraquecimento sensivel dos sentimentos religiosos em Portalegre, de certo tempo até hoje.

Ha annos estabeleceu-se n'esta cidade um grande industrial inglez que explora em larga escala a industria corticeira no fabrico de rolha. Nos seus estabelecimentos tem empregados muitos operarios e operarias, e tem um templo protestante aonde concorre grande numero dos seus operarios de um e outro sexo.

Todos estes factos, se não téem produzido outros males, crearam o indifferentismo religioso pratico.

Ha muitos annos que tenho empregado esforços para levantar esta Ordem Terceira do abatimento em que por largos annos se encontrou, podendo dizer-se que esteve quasi extincta. N'este emprehendimento téem trabalhado com verdadeira e piedosa dedicação especialmente algumas irmãs Terceiras.

O templo, que era um dos melhores da Provincia dos Algarves, está muito decente.

Portalegre, 1 de maio de 1900.

O Commissario — Conego *José Maria da Resurreição.*

Ordem Terceira de Ovar

Algumas considerações sobre a Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco da villa de Ovar

E' impossivel indicar com a devida exactidão a data do estabelecimento n'esta villa da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, podendo apenas saber-se em face dos livros existentes na sua secretaria que a mesma já tinha existencia no anno de 1640. Os seus primeiros estatutos que téem a data de 29 de outubro de 1694, fôram discutidos em mesa grande, reunida na ermida e Capella de N. Senhora da Graça em que a Ordem se acha erecta, sob a presidencia do Commissario-Visitador Fr. Francisco de Jesus, sendo approvados e

confirmados pelo Superior do Convento de S. Francisco da cidade do Porto, em 20 de abril de 1695 e pelo Exc.mo Bispo da diocese em 14 de julho do mesmo anno.

Vê-se pois pelos respectivos documentos que a superintendencia d'esta Veneravel Ordem Terceira estava confiada aos Reverendos Franciscanos da cidade do Porto, e que durante a sua permanencia n'estes reinos, o brilho e esplendor da Confraternidade foi grandioso.

Em seguida á extincção das Ordens Religiosas e á expulsão de Portugal, dos Frades Franciscanos, esta Ordem principiou a sentir a falta d'uma boa direcção. A sua magnificencia começou então em decadencia e actualmente teria desapparecido se não fôssem os generosos esforços da mesa gerente do anno economico de 1897 a 1898. Graças aos bons desejos e sentimentos religiosos dos definidores do referido anno, a nova Regra dada pelo Santo Padre Leão XIII foi adoptada e acceita por todos os irmãos da Confraternidade reunidos em junta geral, e em conformidade, com ella, se reformaram os antigos estatutos, reforma esta que obteve a devida approvação e a Congregação foi declarada achar-se canonicamente instituida por alvará do muito digno Ministro Provincial Fr. João da SS. Trindade, submettendo-os ainda a mesa, no intuito de evitar questões sempre funestas em congregações religiosas, á conformidade do Ex.mo Ordinario e approvação do Ex.mo Governador civil do districto de Aveiro.

Acha-se pois esta Ordem completamente reformada e regendo-se na parte espiritual pela Constituição Apostolica e Regra dada por Sua Santidade Leão XIII aos 30 de maio de 1883, e na parte civil e administrativa pelos seus novos estatutos e leis do reino. Graças a esta reforma tem-se visto de anno para anno, o numero dos Confrades augmentar, pois que sendo em 1897 a totalidade dos irmãos de 848, conta actualmente um total de 997.

Tanto quanto possivel tem-se procurado cumprir a nova reforma da Ordem e se esta não tem sido fielmente observada é porque a isso tem obstado determinados motivos. O estado da decadencia a que chegou esta Veneravel Ordem e a falta de apoio dos elementos ecclesiasticos d'esta parochia, são, a nosso vêr, os factores e os seus principaes obstaculos.

O povo d'esta pacata terra eivado já das idéas anti-religiosas d'este fim do seculo, não sabe ou não quer comprehender o que seja uma Ordem Terceira, e os clerigos, com magoa o dizemos, em vez de secundarem o grande ideal de Leão XIII em vez de fazerem vêr e tornar publico que é da Ordem Terceira de S. Francisco que o Vigario de Jesus Christo espera que venham os fructos para a salvação das almas e felicidade de toda a humanidade, cruzam os braços e nem uma palavra sequer em favor da milicia franciscana. Como romover estes obstaculos? Ou fazer com que o elemento ecclesiastico da parochia a cargo de quem está confiada a direcção espiritual e moral dos seus habitantes se compenetre da grande utilidade que ha em se ser Terceiro e do grande bem que d'ahi resulta para a sociedade, ou então, haver junto de cada confraternidade de Terceiros um religioso Franciscano, para que com o seu tino, criterio e ajuizadas reflexões guie o coração d'este bom povo portuguez e lhe indique o verdadeiro caminho da sua felicidade. Mas mais ainda. Torna-se necessario que a utilidade d'estas Congregações seja não só conhecida de todas as camadas sociaes, mas muito principalmente do povo, d'este pobre povo portuguez, tão bom e tão religioso e que está sendo tão infamemente explorado. E' preciso mostrar-lhe que só na religião encontrará alivio para as suas feridas, e que é da Ordem Terceira de S. Francisco, a quem o chefe supremo da Igreja commetteu o encargo da sua regeneração moral e social, que ha de vir o remedio. Para tal fim é de urgente necessidade a creação de *boletins mensaes* de propaganda, de edição barata, e sob a direcção de Religiosos Franciscanos, nos quaes em pequenos artigos ao alcance do povo, se mostre ao mesmo a utilidade de se ser *terceiro*, e os bens espirituaes mensalmente concedidos aos membros d'estas Congregações. Estas publicações, cujas despezas ficariam a cargo das Ordens Terceiras, seriam de um auxilio extraordinario para ellas poderem realisar o immenso desejo do Augusto Chefe da Igreja.

Esta Ordem apesar dos seus minguados recursos tem por fim a obrigação de:

1.º Realisar, como instituição de piedade, todos os exercicios, festividades e mais actos do culto divino, determinados pela Regra e pelos seus Estatutos, e que são os

seguintes: Festividade do Patriarcha S. Francisco no dia 4 de outubro, ou no domingo seguinte. — A procissão da cinza no segundo Domingo da Quaresma. — A procissão do Senhor *Ecce Homo* em Quinta Feira Santa, de noite. — Exercicios devotos no mez de maio. — Recitação do santo rozario no mez de outubro. — Todos os exercicios e devoções determinadas pela Regra. Além d'isto manda celebrar: — na primeira segunda-feira de cada mez uma missa pelos irmãos vivos e fallecidos e bemfeitores da Ordem. — No dia 2 de dezembro de cada anno uma missa cantada e officio geral pelos irmãos e bemfeitores fallecidos. Todos estes religiosos actos são feitos com a devida decencia.

2.º Praticar, como corporação de beneficencia todos os actos de caridade christã recommendados pela Regra e compativeis com os seus recursos, soccorrendo em especial os seus irmãos indigentes. Este soccorro limita-se por emquanto, no caso de doença, a medico, medicamentos e a uma pensão diaria, e no caso de impossibilidade de trabalhar, devida á velhice ou a desastre, uma pensão diaria.

Esta Ordem, logo que os seus recursos o permittam fundará um asylo, onde possam ser recolhidos os irmãos que, por avançada edade, ficarem invalidos.

Eis em poucas palavras como actualmente se acha esta Veneravel Ordem, mas ainda assim está muito longe de attingir o seu verdadeiro fim.

Muito ha ainda que fazer e trabalhar; no entanto, estamos convictos de que com um bocado de esforço, as mesas gerentes da Confraternidade realisarão o que surge de mais necessidade.

Ao terminarmos enviamos a nossa plena adhesão ao proximo Congresso Geral da Ordem Terceira e ficamos rogando ao Divino Espirito Santo que abrigue debaixo das suas candidas azas os congressistas franciscanos, que muito em breve na cidade santa se occuparão da obra sublime do nosso Santo Padre Leão XIII, e não deixaremos de pedir ao Pobresinho d'Assis o nosso Santo Patriarcha S. Francisco que ao abençoal-os se não esqueça que é a elles a quem foi confiada a espinhosa missão da regeneração social de toda a humanidade.

Ovar e salla das sessões da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, 1 de agosto de 1900.

O Commissario — *Padre Francisco de Oliveira Baptista.*

Santo Protector para o mez de março

S. João José da Cruz, da 1.ª Ordem. — Nasceu em Ischia, reino de Napoles, no anno de 1654, dia d'Assumpção.

Logo desde a infancia lhe cresceram no coração as flôres mimosas d'aquellas virtudes em que mais tarde havia de ser tão admiravel.

Rematando os seus estudos aos 16 annos, redobrou de orações e austeridades para conhecer a vontade de Deus.

Nosso Senhor levou-o para a Ordem de S. Francisco e alistou-o entre os Franciscanos de Napoles.

Foi então que elle deu azas ao seu espirito para se abrir só á oração, á pobreza e á penitencia, que fôram as suas virtudes caracteristicas.

Deus premiou-lh'as ainda cá no mundo, como depressa se pôde reconhecer nos continuos extases, no dom de conhecer os corações, no espirito prophetico, nas muitas curas e conversões operadas milagrosamente.

Morreu aos 80 annos, no dia 5 de março de 1734, contemplando a imagem de Maria a quem tanto amára.

Virtude a imitar

Resignação com a Vontade de Deus. — Quem faz a Vontade de Deus está sempre bem, e senhor de si mesmo.

A Vontade de Deus manifesta-se pela sujeição á obediencia e aos conselhos dos superiores. Manifesta-se nos avisos de nossos amigos, e nas inspirações do nosso Anjo da Guarda. Manifesta-se em certas circumstancias particulares, que nos parecem talvez fortuitas, mas que são predispostas pela sabia Providencia de Deus, e que nos são de grande proveito material e espiritual.

Devemos pois ser doceis á divina vontade, obedecendo-lhe em tudo e por tudo, com sacrificio do que nos é mais caro.

Para isso é de primeira necessidade matar o *amor proprio* que nos conduz á paixão, ao capricho, e a toda a casta de males, e, por uma legitima consequencia á transgressão da Divina Vontade.

Absolvição geral

Dia 19 — S. José.
Dia 25 — Annunciação.

Indulgencias Plenarias

Dia 5 — S. João José da Cruz, da 1.ª Ordem
Dia 6 — Santa Collecta, da 2.ª Ordem.

Dia 9 — Santa Catharina de Bolonha, da 2.ª Ordem

Dia 24 — B. Diogo José, da 1.ª Ordem.

Dia 30 — Beata Angela de Foligno da 3.ª Ordem.

Outras Indulgencias Plenarias

1.º *Todas as vezes* que os Irmãos Terceiros recitarem a *Estação*, isto é, 6 Padre Nossos, Ave Marias e Gloria Patri, em qualquer logar que seja, segundo as intenções do Soberano Pontifice ganham as indulgencias das Estações de Roma, Jerusalem, Compostella e Porciuncula. Basta acharem-se em estado de graça.

2.º Por cada vez que rezarem a Corôa Franciscana dos sete gozos de Nossa Senhora.

3.º Havendo-se confessado e commungado e rezando o Psalmo *Exaudiat* em latim ou em portuguez, e não sabendo lêr, rezando tres Padre Nossos e Ave Marias, póde o Irmão Terceiro lucrar todas as indulgencias de todos os santuarios, igrejas e basilicas de todo o mundo !

Maximas espirituaes

O espirito de critica e de murmuração é uma sangueçuga que bebe todos os suores e todos os merecimentos das almas.

(Beata Baptista Varani

Se queres falar bem e com graça aprende primeiro a calar.

(Beato Gil d'Assis.)

O muito dar á lingua evapora o espirito de oração, mata a devoção sensivel, aparta de Deus, e priva-nos da sua doce presença.

(P. Simão de Burg.)

Secção historica

UMA HISTORIA VERDADEIRA

N'uma trapeira da rua N. uma pobre e infeliz mulher era prestes a succumbir, victima da velhice e d'uma pertinaz doença, que a prostrára.

Viuva e mãe d'uma tenra creancinha de dez annos a malfadada velha podera até então sustentar-se a si e a seu filho com o fructo de suas mãos ; mas, graças a continuas privações e a uma saude já assaz debil e fraca, adoeceu.

E agora a miseria, a negra e cruissima miseria, acompanhada de longa e tenaz enfermidade, vae assentar-se no limiar da porta d'essa trapeira, mais que habitação de homens, covil de irracionaes.

Desde que a velha caíu de cama reinava a dôr e a tristeza no modesto aposento. Entrementes o dôce e meigo filhinho ia levar com a perspicacia e viveza de sua intelligencia umas taes ou quaes migalhinhas de refrigerio e allivio *á sua doentinha*, que o idolatrava, que o adorava: fazia as compras, cosinhava, pensava as pernas enfraquecidas e achacosas de sua mãe, e tudo fazia com uma actividade, doçura, e perfeição taes, que lhe grangearam as vistas e admiração de toda a circumvisinhança.

Desventurada creança! Eram precisamente estes dotes, que iam tornal-a desgraçada e infeliz.

Um dia, que tudo faltava em casa, depara-se um cavalheiro, dôce na apparencia, affavel, cortez, e com maneiras quasi paternaes.

Inteirou-se das necessidades da enferma, fez grandes e lisongeiros promettimentos para o deante, deixando d'esta primeira visita uma avultosa peça d'oiro.

No dia seguinte vestia o menino e enviava medicamentos á desditosa velha.

Renovavam-se as visitas com frequencia, acompanhadas sempre da mesma caridade e doçura, que enchiam mãe e filho de gratidão e reconhecimento para com o nobre cavalheiro.

Não obstante aggravava-se a doença e parecia avisinhar-se o dia, em que a pobre viuva, acabrunhada de dôr e annos resvalaria para a valla escura e fria do sepulchro.

Continuavam-se as visitas.

— Sou hoje bastante mal, senhor. Mas o que será de meu filhinho, d'esse filhinho do meu peito, a quem amo tanto, e que me faz todas as delicias !

Aqui desejava chegar o visitante; esta só palavra aguardava desde muito, e com uma voz terna, compassiva e, ao que parecia, dessinteressada prometteu-lhe sua protecção de presente e de futuro.

— Se quizerdes vosso filho será afortunado, dizia. Instruil-o-hão, adoptal-o-hão mesmo, tornando-se um gentil moço, rico e sabio; accresce, que um pouco mais cedo, um pouco mais tarde a separação será inevitavel ; demais poderá a seu bel-prazer

abraçar a religião, que bem lhe aprouver, e á sua mãesinha mandar-se-ia uma mulher, que a tratasse, ou metter-se-ia n'um asylo, onde descançada vivesse essa velhice e decrepitude, que parece quererem absorvel-a já...

O coração da velha cerrára-se. Comprehendera tudo; rasgara-se o véo e percebera, que era desejada e procurada a alma de seu filho. Permanecia silenciosa, extatica, entrementes que um renhido e atiçado combate se travava no mais intimo e abscondito de seu peito. Suas pupillas dilatadas a custo enxergariam os cantos da pauperrima e tristonha habitação.

Mas n'um sonho de roseas esperanças figurava-se-lhe vêr um moço galante, bem alimentado e nutrido, e circumcingido talvez da corôa da felicidade, da fortuna, da gloria...

No entretanto a voz, que fallava parecia mais paternal, os gestos mais lisongeiros e animadores, as palavras mais insinuantes e attrahentes.

— Tomai-o, diz-lhe alfim, tomai-o.

Tomaram-se logo todas as precauções, as objecções fôram antevistas e desfeitas, as difficuldades vencidas, e tres dias depois a pobre mãe via partir entre lagrimas abundantes e saudosas, o seu filhinho, o seu querido filhinho, que jámais esperava vêr.

Pensava elle, que iria viver uma vida de folganças e sem cuidados nas cercanias de Paris, e que facil e amiudadamente trocaria noticias com sua mãe.

A mãe esperava tambem a cada passo novas do seu René, dias após a partida chegava a primeira cartinha, em que sómente se lia: «Vou bom, e brinco muito; visto fato novo, e nunca esqueço a minha mãe, a quem muito amo e estimo».

Corriam á pobre velhinha dois fios de grossas lagrimas, que iam humedecer a carta lida e relida do pequeno René.

Depois esperava outra... outra... outra... Mas pouco e pouco foi rareando a correspondencia, e terminou de todo. O cavalheiro desapparecera tambem; era um ministro protestante, e negocios graves e serios chamavam-no.

Uma tarde, após muito esperar, chegava-lhe ás mãos uma carta, que tinha sido escripta ás escondidas; o menino *roubára* um sello para remettel-a. Esta carta não respirava já essa graça infantil; que as precedentes revelavam. Um homem perfeito não fazia pintura mais exacta das angustias, desgraças e sacrificios, que o torturam. O menino era um vagabundo e guardava o gado nos montes. Era agora mal alimentado e esfarrapado...

Sua unica distracção era o sermão do domingo, e bem vezes almejava e recordava com olhos rasos d'agua o tecto, debaixo do qual jazia sua doente e velha mãe. Parecia escripta toda por mão afeita e exprimentada, e com uma formalidade e eloquencia bastante raras e muito para admirar n'uma creança de dez annos.

Deu-se então uma rara e bem extranha cousa; o que nem os bons tratamentos nem a medicina fizeram, fel-o o amor sagrado de mãe.

A enferma cobrou forças e incansavel e solicita vae em busca d'uma protecção para seu filho. Dirige-se ao commissario da policia, ao palacio da justiça, á parochia, a toda a parte! — e ninguem a attende; os que partilhavam suas magoas não podiam valer-lhe, e quem podia, não queria.

Sem um arrimo para seu filho despresada por todos e por todos respeitada, desespera quasi... Era aqui, que a esperava S. Antonio.

Uma mulher pobre, pobre como ella, lembrára-lhe o valimento de S. Antonio, e quanto seja efficaz a devoção a tão preclaro Santo.

A pobre viuva corre logo a uma Igreja a collocar-se sob a protecção *do Santo dos milagres*, e aí, de joelhos, narra seus infortunios e desgraças.

Corriam-lhe continuos dois fios de lagrimas.

Consolaram-na e asseguraram-lhe, que S. Antonio lhe tornaria o seu filho perdido.

De feito, assim foi.

Escusado é dizer as muitas e muitas voltas a dar, os muitos documentos e escripturas, que teve de arranjar. Chegou emfim o dia, em que, sob a tutela e patrocinio de S. Antonio e munida de seus *papeis*, devia partir.

Era no coração do inverno.

Em pleno janeiro a velha punha-se a caminho atravez gelos interminaveis.

De Lyon a Privas serão, a bom correr, tres horas de jornada.

Mas devido á impossibilidade dos ca-

minhos gastou a nossa pobre velhinha cinco á seis.

Ao entrar em Privas e passando por um *protestante,* saíam da predica algumas centenas de creanças, entre as quaes divisou e reconheceu de prestes o seu caro René.

Correu para elle e transportada nas azas do amor maternal, em dôces e apertados abraços preparava-se para retomar seu caminho, quando, esgotadas as forças caíu em terra.

Fraca como estava levaram-na ao hospital, onde demorou muitos dias, até que convalescente e a custo pôde dirigir-se á sua miseranda trapeira com seu filhinho.

Seu primeiro cuidado foi agradecer ao bom Santo Antonio e prestar-lhe o preito immorredoiro e perenne de sua eterna gratidão.

Pensamentos

Os historiadores philosophos não se fazem só com o estudo dos livros. E' necessario estudar as correntes sociaes, analysando o germen de que ellas brotam — *o coração humano.*

✦

A experiencia dos seculos não se comprehende sem *a experiencia propria* robustecida nos embates da vida.

✦

Em toda a educação deve entrar *um elemento commum* ás aspirações communs do genero humano, e *um elemento particular* adaptado á individualidade de cada homem.

✦

O bom *educador* não mede pela mesma craveira os seus discipulos, mas estuda-lhes os caracteres, e a cada um distribue o pão da sciencia conforme a diversidade de tendencias, e o progressar das faculdades.

✦

A todos nós destina a Providencia um logar na galeria dos seres: Ai d'aquelle que morreu sem acertar de conseguil-o.

✦

A Providencia não póde deixar de abendiçoar o trabalho: para isso deu o tempo. Desperdiçar as particulas do tempo é expôr-se á infructuosidade do trabalho, o qual além de suppor o tempo, requer *tempo opportuno.*

ANECDOTAS

Um pintor mostra a um amigo o retrato de um tolo que acaba de pintar.

— Como o achas? pergunta-lhe.

— Parece que está falando.

— Deus nos livre!

— Porque?

— Porque não diria mais do que tolices.

✦

Dois amigos zangados!

— Estás dizendo uma porção de tolices.

— Falo d'essa maneira para que me possas entender.

✦

Desprendimento do mundo—S. João de Kenti, padre polaco do seculo XV, deixou-nos um exemplo maravilhoso de desprendimento dos bens do mundo e de amor á verdade.

Foi quatro vezes em peregrinação ao tumulo dos Apostolos, para seu bem particular e para exemplo de fé e amor á Sé Apostolica.

N uma d'estas viagens que elle fazia sempre a pé, vieram os ladrões e despojaram-no de tudo que levava.

E perguntado se tinha ainda mais alguma coisa, disse que não.

E logo, recordando-se que trazia ainda na capa algumas moedas, correu atraz dos ladrões, chamando-os e dizendo-lhes que ainda havia mais alguma coisa.

Elles, espantados d'um procedimento tão extraordinario, não só não quizeram acceitar as moedas, senão que lhe entregaram tudo que lhe haviam roubado.

Bella mostra de amor á verdade que só pela caridade christã podia ser inspirada!

✦

Em familia:

— Olha que quando a tua mamã falar tu deves estar calado.

— Então nunca posso falar.

✦

Virtude premeada. — Alguns annos antes da sua morte Fernando II rei das duas Sicilias regressava de Roma a Napoles com seu filho que depois foi Francisco II.

Guardava rigoroso incognito e mudava muitas vezes os cavallos da carruagem para esta não se demorar em nenhuma parte. Tal era a velocidade que as rodas do carro começavam de arder. Foi necessario parar a fim de as reparar dos estragos.

No entretanto foi o rei a uma pequena estalagem tomar um refresco e sentou-se com seu filho á meza.

Era n'uma sexta-feira, e estava muita gente. As attenções do rei incidiram sobre um joven d'uns 18 annos que comia de magro emquanto os outros todos comiam de gordo e desfechavam sobre o bom rapaz uma enfiada de insultos.

O pequeno em vez de se acobardar, respondia com dignidade que nunca se havia de envergonhar de prestar homenagem á sua crença.

Depois de o ouvir por algum tempo o illustre viajante tomou á sua conta o defendel-o e bem depressa impoz silencio aos circumstantes.

Veiu aviso de que a carruagem estava prompta, e o rei chamando á parte o bom do joven perguntou-lhe se ia a Napoles e com que intuito.

— Vou a Napoles, senhor, para obedecer, e para me alistar no exercito de Fernando. Sou

Florentino mas prefiro Napoles. Na Toscana a religião e os bons costumes são pouco respeitados.

— Bem, disse o Rei está aqui um homem que te póde servir. E metteu-lhe na mão um documento em que o fazia tenente-coronel.

✦

Entre compadres:

O' compadre, venho pedir-lhe um favor. E' emprestar-me o seu burro para ir vêr as eiras, porque o meu está manco ha tres dias.

— Compadre, sinto muito não poder servil-o, pois meu sogro levou o burro esta manhã.

(Ouve se dentro zurrar o animal).

— Seja franco; o burro está na córte, porque o ouço zurrar, compadre.

— O que eu estranho, compadre, é que dê mais credito á palavra do burro do que á minha. E' por isso que lh'o não empresto.

Leituras amenas

A ORAÇÃO D'UM ANJO

AMBROSIO teve a desgraça de perder sua mãe ainda menino, por isso a sua educação careceu d'essa ternura religiosa que imprimem no coração da creança os beijos de uma mãe christã.

Maria, sua esposa tinha formado o seu coração á sombra dos cuidados maternos; era terna, compassiva e dotada d'uma alma profundamente religiosa.

N'este matrimonio admirava-se a piedade e delicadeza de Maria harmonisada com a dureza e irreligião de Ambrosio devotado unica e exclusivamente aos negocios e ganancias, como se só para elles houvera de viver.

Os trabalhos começaram pelo debilitar, e finalmente manifestaram-se os mais inequivocos symptomas d'uma grave enfermidade. Os medicos consultados reconheceram uma doença mental, e manifestaram o mais vivo receio de completa alienação.

Sentiu Ambrosio summamente ter que renunciar á sua vida habitual; mas sua cabeça outr'ora tão forte e capaz de permanecer horas e horas occupada em deitar balanço a seus negocios, agora negava-se-lhe por completo a este genero de trabalho. Começou por sentir cansaço acompanhado d'um mau estar, que o obrigava a não saír de casa, tendo de permanecer no seio da familia, que lhe proporcionava gosos que elle não conhecia, nem apreciava bastantemente.

Maria empregava todos os meios de o distrahir, ajudando-a n'este mister Angelina, o unico fructo d'este matrimonio, que sempre alegre, como era proprio de seus tenros annos, em suas graças e encantos possuia o mysterioso condão de minorar os soffrimentos de seu pae.

Um dia porém a innocente creança entrou no quarto do enfermo tão triste e melancolica, que Ambrosio e Maria não pu-

UMA PROPHECIA DE SANTO ANTONIO

deram dissimular a sua supreza e exclamaram ao mesmo tempo:

— Que tens, minha filha?

— Nada, balbuciou Angelina.

Ambrosio abriu instintivamente os braços para a abraçar, mas Angelina retirou-se, e dominada por um subito terror, exclamou:

— Papá, deixae-me não me obrigueis a chegar-me a vós porque vos tenho muito medo!...

— Que é isto?! perguntava Ambrosio cheio de admiração; acaso foges de mim porque estou doente?! causo-te repugnancia?!...

— Ah não! não é por isso papá, não é por isso! mas sim porque tenho muito medo do demonio!

— Muito medo do demonio... mas que tem isso com o estares comigo?

— Ai papá! pelo amor de Deus não vos zangueis; mas causaes-me quasi tanto medo como elle.

— Isto é incomprehensivel! dizia o negociante.

Maria que tinha presenciado toda esta scena e com perspicacia de mãe advinhara tudo o que sua filha queria dizer, envidou todos os esforços para socegar o enfermo, mandando retirar Angelina sob um insignificante pretexto.

No rosto de Ambrosio transluzia a contrariedade que lhe ia no coração, todavia durante muitas horas que esteve com sua esposa não deixou escapar uma só palavra relativa a este assumpto. Maria ausentou se por alguns momentos, que o enfermo aproveitou para mandar chamar sua filha, que acudiu logo acompanhada de sua aia.

— Susana deixa-me a sós com minha filha.

A pequena chorava, e de modo algum queria ficar com seu pae. Susana segredou-lhe ao ouvido, e Angelina mais resignada que contente consentiu em ficar na alcova de seu pae.

Apenas a aia se ausentou, Ambrosio dando á sua voz um tom dôce, disse carinhosamente:

Chega-te mais para aqui; hoje tens esquecido teu pobre pae, o infeliz enfermo que não tem outros prazeres mais que tuas caricias! acaso já estás cansada do meu amor?!

— Não, papásinho, não; desde que comecei a falar sempre a mamã me ensinou que depois de Deus a ninguem devo amar mais que a vós; até hoje nada me ha custado fazel o, sempre me parecia pouco o tempo que estava com o papá; mas eu amo muito mais a Deus! e desde que soube que vós o não amais!... primeiro chorei muito, e depois causava-me repugnancia visitar-vos!

— Quem te disse semelhante coisa?!

— Quem?! Ninguem; fui eu que ouvi.

— Ora, conta-me então tudo o que ouviste.

— O papá ha de o levar a mal, porque...

— Não tenhas medo d'isso, eu t'o prometto.

A pequena segura da vontade de seu pae, expressou-se d'esta maneira:

— «Esta manhã estava eu no jardim, sentada no banco da trepadeira, lêndo o catechismo, quando passaram dois homens junto a nossa casa. Um d'elles perguntou ao outro de quem era esta casa tamanha e tão bonita. Apenas ouvi falar no nome do papá, não pude mais attender á leitura, e quando o outro lhe começou a contar que ereis muito rico, fiquei muito contente, mas depois disse... papá não digo mais».

— Vamos, continúa.

— «Oh! disse que todas essas riquezas de nada vos valeriam, porque emfim irieis para o inferno! -- Porque? lhe perguntou o outro, elle é mau? — Mau... não se póde chamar, mas é um homem sem fé nem religião, quero dizer que a igreja não lhe cae em cima, pois desde a primeira communhão, se a fez, não tornou lá a pôr os pés! Emfim o demonio o tem prezo a seus milhões! Não ouvi mais, porque caindo-me o livro das mãos, deitei a correr assustada, e ainda me horroriso quando penso n'isso».

Durante esta curta narração o negociante fez-se de todas as côres, tremiam-lhe os beiços e sua lingua preza na garganta era incapaz de pronunciar uma só palavra. N'este momento de tantas angustias chegou sua esposa, que vêndo o triste estado de seu marido, o interrogava mais com a vista que com palavras. Angelina foi a primeira a interromper este penoso silencio.

— Mamã, creio que fiz uma tolice das que vós com tanta frequencia me reprehendeis. Falei de mais, e o papá está enojado comigo.

— Retira-te e depois me contarás tudo.

A pequena ia-se a ausentar porém movida talvez d'inspiração de Deus, avisinhou-se do enfermo e osculou-o carinhosamente. Este estreitou-a contra o coração e depois a seguiu com a vista até desapparecer.

Maria precisava d'uma explicação e Ambrosio não lh'a recusou. Confiado em sua superioridade, ou levado do vehemente desejo de conceder um justo desafogo a seu amor proprio tão cruelmente ferido disse a sua esposa:

— Antes que nossa filha te conte o succedido, é preciso que nos entendamos. Ha dez annos que estamos casados e em todo este tempo não me tenho poupado a trabalhos e sacrificios para arranjar uma fortuna com que possamos viver livres de cuidados. Tenho descurado a vida domestica occupado unicamente em alcançar a felecidade. O nosso matrimonio produziu um fructo, uma filha que frustrou em parte as minhas mais fagueiras illusões, porque se fôsse varão teria n'elle o apoio da minha velhice o meu mais fiel imitador; foi uma menina, cuja educação te confiei, sem pensar nunca que viria um dia, em que esta mesma filha, que amanhã ha de possuir toda a fortuna que meus desvellos acumularam, me deitaria em rosto estes meus afans pelas riquezas. Agora comprehendo, ainda que tarde, o fructo natural dos nossos caminhos na vida. Angelina compara-nos um com o outro, eleva-te a ti á santidade e a mim julga-me quasi um demonio; n'uma palavra, nossa filha no fundo do seu coração despreza seu pae!

Maria elevou o pensamento a Deus e ouviu resignada as duras exprobrações que Ambrosio lhe dirigia. Cada palavra de seu marido era para ella um terrivel desengano. Já não podia duvidar de que o coração d'Ambrosio era tambem conhecido por sua pequena Angelina. Quem lhe descobriria o que ella com tanto cuidado lhe occultava? mysterio para Maria.

A lucta era inevitavel, Maria implorou o auxilio do céo e entrou n'ella com confiança.

— Antes de tudo peço-te que te tranquilises, pois ha dois dias que o Senhor te concede melhoras sensiveis. Nossa filha ama-te carinhosamente e Deus sabe, que, desde que começou a balbucear, aprendeu a pronunciar o teu nome cheia d'amor. O melhor meio de te agradecer o teresme confiado a sua educação julguei que seria inocular-lhe no coração as maximas que na minha infancia me ensinou minha santa mãe e creio que os meus esforços tem produzido optimos resultados. Que alegria não sente o meu coração quando vejo nossa filha correr pressurosa a teus braços?!

Quem, senão tu, poderia dar alento aquelle pequenino coração, se hoje a Providencia me chamasse para si?!...

Ambrosio estava commovido; pediu a sua esposa que o deixasse só.

Maria saiu e dirigiu-se ao quarto de Angelina. A porta estava entreaberta, espreitou e ficou immovel. Angelina prostrada aos pés d'um Crucifixo dirigia-lhe a prece mais fervorosa; a innocencia supplicava o perdão para a culpa.

A oração prolongava-se e de vez em quando rolava-lhe uma lagrima pelas faces rosadas. Que pedia? Facil é inferil-o; a conversão de seu pae. E Deus que ouviu a prece humilde das irmãs de Lazaro, desprezará as supplicas d'uma filha, que anceia, não a vida temporal, mas a espiritual de seu querido pae? Oh não! não ha que duvidar; a oração de Angelina foi attendida.

Ambrosio soffria uma d'essas luctas impossiveis de descrever e tanto mais penosa quanto mais intima e secreta. Apenas ficou só tocou a campainha.

— Está aí minha filha? perguntou ao creado que veio receber as ordens.

— Está no quarto com a Senhora.

— Pois diz á menina que venha cá.

O creado desappareceu e o enfermo começou este monologo: —Parece impossivel... não posso hoje viver sem minha filha!... e quando a tenho em meus braços sinto-me mais debil e fraco! será isto o presentimento do meu proximo fim? Oh! que horror, ter que me separar d'ella!

Uns passinhos leves e ligeiros que se dirigiam para o seu quarto vieram-no interromper. Abriu-se a porta e appareceu a encantadora Angelina.

— Assenta-te aqui muito pertinho de mim, a tua companhia é-me necessaria... soffro tanto!

Angelina não esperou que a mandasse duas vezes; apertou a mão de seu pae entre as suas e exclamou cheia de jubilo:

— Papá, afigura-se-me que me quer mais que antes!

O enfermo estremeceu vêndo que aquella creança lhe lia no fundo do coração e lhe penetrava os segredos mais reconditos. Esta continuou: E o mais admiravel é que desde que esta manhã vos deixei tão triste e abatido parece que tambem vos amo mais.

Se soubesseis quantas vezes sonho comvosco? Outra noite tive um sonho tão alegre que senti muito que Susana me despertasse tão cedo.

— E que sonhavas?

— Oh! se fôsse verdade! mas francamente, o papá é um pouco curioso, quer saber tudo e quando lh'o conto, mostra má cara e creio que até se zanga comigo e ao separar-nos vou tão triste que muitas vezes até choro!...

— Meu anjo! — exclamou Ambrosio não se podendo conter e beijando sua filha com effusão, — não temas que me enfade, conta-me tudo com a mesma expansão com que por certo o contaste a tua mãe.

— Oh se contei! Porém a mamã, ainda que se não mostra enfadada, todavia causa-me pena, porque me beija e então sinto as lagrimas que correm de seus olhos humedecerem a minha face; mas... vamos ao conto, digo ao sonho. Não pense porém que o vou entreter com alguma historia das que me conta Susana para que eu durma depressa, não. Parece-me que o papá já sabe que me estou preparando para fazer a primeira communhão; só falta um mez, mas são taes os meus desejos que me parece mais d'um anno! O senhor cura diz que ainda preciso de muita preparação, e agora faz-me umas praticas tão arrebatadoras! São muitas as meninas que vão commungar n'aquelle dia, e entre ellas uma ha que é o exemplo de todas por sua modestia, compostura e attenção. Deve ser da minha edade, mas a pobresinha não tem mãe! O pae vae todos os dias acompanhal-a á instrucção. E' cego; e deve ser muito desgraçado, pois varias vezes o tenho encontrado a chorar!

Em sonhos pois, vi toda a ceremonia d'esse felicissimo dia. Eu trajava de branco; e quando me ia avisinhar á Sagrada Meza vi que não só a mamã, mas tambem vós papá, estaveis a meu lado e momentos depois recebieis a Jesus na Eucharistia. Entretanto dois anjinhos mais formosos que os que estão aos pés da Virgem me levavam ao céo, onde se estava tão bem!

Mas, n'este ponto vieram-me despertar, imagine quanto me custaria! Não é um sonho muito bonito?! Se o papá, estivesse perto, correria a dar-lhe muitos beijos, mas como foi necessario que me chamassem não lhe contei nada.

— Disses-te que o senhor cura te faz explicações e te ensina a preparar-te?

— De certo; sabe muito; e tanto elle como a mamã me recommendam que vos ame e respeite.

— Então hoje vaes á instrucção?

— Sem duvida.

— Pois diz da minha parte ao senhor cura que lhe desejo falar e portanto lhe peço me venha visitar, visto o meu estado de saude não me permittir que vá eu á residencia.

A menina julgou que seu pae dava a conferencia por terminada, e ia-se a retirar quando reparando no rosto do enfermo exclamou:

— Vê? sempre está triste ao separar-nos; parece outra vez enojado comigo!

— Não; o que eu desejo é que me queiras muito, muito e quando fôres á igreja reza alguma coisa por teu pobre pae.

Ambrosio ficou de novo pensativo.

Uma hora depois chegou Maria procurando em vão dissimular a inquietação que sentia.

— Onde está Angelina? perguntou Ambrosio.

— Está um pouco encommodada. Quando se preparava para saír, sentiu uns calefrios e julguei mais conveniente que se fôsse deitar.

— Isso só não basta, é preciso que venha já o medico.

— Já está á sua cabeceira.

— Mas porque não me avisaste logo? poucas forças tenho, mas ainda me sobejam para ir até ao quarto de minha filha.

— Pelo amor de Deus não te assustes, o medico assegura que a indisposição da nossa Angelina é passageira e a tua saude é ainda muito delicada.

— Não importa, não importa, dizia Ambrosio levantando-se e encostando-se ao hombro de sua mulher.

Em menos tempo do que era de esperar chegou ao quarto de sua filha, cujo semblante palido augmentou a inquietação

jesuitas situado na calle de la Flôr, aos gritos de: «Viva a liberdade!...» «Abaixo a reacção!...» Morram os frades!» O estabelecimento estava rodeado de força armada, o que não obstou a que o edificio fôsse apedrejado e os vidros das janellas voassem em estilhaços. N'este momento a guarda armada lançou-se sobre a multidão á pranchada. Houve sustos, correrias e encerramento de lojas.

«Os manifestantes tornaram a reunir-se na praça de S. Domingos, e romperam em atroadores gritos de «morram os jesuitas!» Por *desgraça* passavam n'essa occasião dois frades que se livraram de uma tremenda *sova*, devido a 8 policias e a um «carro americano» que passava.

«Os manifestantes dirigiram-se á Puerta del Sol, e uma vez ali bradavam com enthusiasmo: «Viva a liberdade!... Viva a republica!» Poucos fôram os curas que passaram por ali n'aquelle momento; porém, o caso é que esses poucos tiveram de metter-se na primeira porta aberta que encontraram e pedir pelo amor de Deus que lhes acudissem. *Vade retro.*»

Nem faltam mysteriosos e inoffensivos petardos que rebentam á porta de Galdós, postos, claros está, pela mão de algum negregado jesuita... Tal qual como o famoso seminarista Gamboa que, em 30 de julho de 1895, appareceu na praça da Figueira a amimar creanças.

Ouçamos o chronista *vanguardense*:

«Os animos continuaram muito exaltados e um novo facto ainda mais os exaltou. Cerca das 10 horas da noite ouviu-se uma tremenda detonação na rua de Hortaleza, onde o snr. Galdós tem o seu deposito e livraria. Reconheceu-se que fôra um petardo que mão criminosa ali fizera rebentar junto a uma das janellas do edificio, partindo muitos vidros e indo apagar a luz de um candieiro da illuminação publica que havia em frente. Este acto de hostilidade contra o auctor da *Electra* causou a maior indignação. A policia ainda não conseguira descobrir coisa alguma ácerca do auctor ou auctores do brutal e infame attentado.

«Quasi á mesma hora rebentaram outros dois petardos, um na rua do Turco e outro na praça de Jesus.»

E' o caso do *is fecit cui prodest*. Grosseiro de mais o truc, irmãosinhos!

Os estudantes, lá como cá, prestam-se a ser instrumentos inconscientes da conjura de chafarrica, a qual aproveita habilmente um caso opportuno.

Corre perante os tribunaes de Madrid um processo intentado por uma senhora Ubau, que pretende impedir a profissão religiosa de uma filha de 23 annos e tem por advogado o illustre caudilho republicano Salmeron.

Allega-se que, em vez de vocação real, houve criminosa sugestão operada por um jesuita.

Que assim fôsse, nem o podemos affirmar nem negar, sabendo a paixão com que estes assumptos são versados por certa imprensa.

Houve sugestão? Mal e muito mal procedeu o seu auctor. Não é porém motivo para uma provocação selvagem á desordem e á violencia. Porque não se grita *morra a familia* e se não assaltam as casas onde, por vezes, o interesse violenta ao matrimonio verdadeiras victimas da ambição?

Quantos dos prégadores da liberdade terão seduzido e atirado para a desgraça infelizes que se deixam arrastar á pratica do amor livre.

O caso Ubau, e a *Electra* fôram o pretexto para manifestações maçonico-republicanas, em varias cidades d'Hespanha.

Veio o conde de Caserta a Madrid.

Para vergonha da fidalga nação, que sabe o que são deveres da hospitalidade, chovem pedradas sobre as carruagens, soltam-se morras.

Annuncia-se *urbi et orbi* que os jesuitas atiravam em Granada sobre o povo que lhe assaltava o convento.

Contam-se os tiros; até se sabe que eram Winchester as espingardas.

Serão como as bombas de Madrid?.....

.....

Agora surgem academicos de Coimbra, procedendo pela fórma que narra o telegramma seguinte:

COIMBRA, 12, ás 8 e 17 t. — Ao *Correio Nacional*. Lisboa. — Acabou agora a sessão academica convocada para se protestar contra as ordens religiosas.

Desde o principio ao fim foi tumultuosa, pois era manifesto o desejo que a academia tinha de não tomar conhecimento de tal assumpto.

Os promotores, porém, depois de reunida a academia, forjaram meza para poderem abafar discussão quando lhes aprouvesse. E' isto resultado d'um plano combinado em reuniões successivas na rua da Trindade.

Inscreveram-se muitos oradores, mas apenas foi permittido falar aos adversarios das ordens, com excepção d'um estudante de theologia, que teve o cuidado de vigiar a ordem de inscripção dos oradores. Aos restantes não deixaram falar abafando a discussão em altura que julgaram opportuna com um requerimento que não chegou a ser percebido e os promotores da reunião fizeram approvar tumultuosamente.

Pedindo se contraprova não a fizeram ou antes fizeram-na em termos que não se percebem.

A maioria da academia ficou indignada e vae protestar contra taes processos.

Posso asseverar que tal protesto será coberto por mais de 800 assignaturas, ou seja a maioria dos estudantes da Universidade. — *Correspondente.*

Liberdade, liberdade quantas infamias se praticam em teu nome!

A opinião publica habilmente manipulada entrega-se docil aos machiavelicos mentores, que rompem o fogo contra os jesuitas e as ordens religiosas para assim iniciarem a guerra de morte á Igreja, francamente proclamada pelo socialista Viviani, e abrirem caminho ao socialismo, termo final da Revolução.

Et nunc erudimini...

NEMO.

Recebemos e agradecemos a *Voz da Caridade* da Covilhã, o *Mensageiro Popular* de Vizeu, o *Vinte e Tres de Novembro* de Cochim, a *Esperança* de Braga, a *Quinzena Religiosa* da Madeira, a *Liberdade*, de Lisboa e a *Luz Catholica* de Valencia.

A' Cruz, ao *Jornal de Penafiel*, ao *Amador Arraes*, á *Folha da Manhã*, ao *Jornal dos Arcos*, ao *Jornal Saloio*, á *Revista Catholica*, ao *Progresso do Vez* e aos demais collegas que saudaram a *Voz de Santo Antonio* no seu 7.º anniversario, agradecemos mais uma vez as requintadas expressões de sympathia que nos dirigiram, sentindo apenas não merecel-as.

Está terminada a publicação da magnifica obra «Historia do Culto de Nossa Senhora em Portugal».

A casa editora para ser agradavel a seus assignantes mandou confeccionar capas especiaes de percalina que vende a 400 rs. encarregando-se tambem de mandar proceder ao emporte pela quantia de 150 rs.

Pedidos á casa editora de Guimarães, Libanio & C.ª rua de S Roque, 110 — Lisboa.

ALMANACH DE S. ANTONIO

PARA 1901

Já não existe um só exemplar encadernado.

Temos ainda alguns brochados.

Se alguem desejar a sua acquisição faça-o com brevidade, para que não succeda ficar sem elle.

Custa 250 réis incluindo o porte do correio.

Já estão promptas as capas para a 3.ª serie da «Voz» (99 e 900) — em percalina dourada a 400 rs. incluindo o porte do correio.

Se os pedidos continuarem a chegar-nos como até ao presente, dentro em pouco teremos tambem á venda capas para a 1.ª e 2.ª serie 95 e 96, 97 e 98. Encarregamos-nos de mandar proceder ao empaste por 120 rs. cada volume.

Index para 99 e 900. — Deve estar concluido em breve. Os snrs. assignantes, que desejarem encadernar a «Voz», dignem-se reclamal-o.

Para os que pedirem capas será remettido sem reclamação.

Aviso. — E' de maxima conveniencia que as importancias destinadas a satisfazer assignaturas, venham sempre acompanhadas dos numeros das assignaturas, que pagam, para evitarmos transtornos, por vezes, bem lamentaveis.

Alma aos pés de Maria. — Um bello livro proprio para os exercicios do mez de Maio em honra de Maria Santissima.

Brochado 300 réis — Encadernado 400 réis.

Livraria Castro-Editora — Povoa de Varzim.

Mez de S. José. — Um livrinho excellente para os exercicios do mez de março em honra de S José.

Brochado 200 réis — Encadernado 300 réis.

Livraria de Aloysio Gomes da Silva, Largo dos Loyos — Porto.

Relação dos sellos usados que recebi, durante o mez de janeiro de 1901 para o Seminario de Liége (Belgica)

	Sellos	Post.
P. Alexandrino d'Almeida Rainha. .	230	
P. Manoel Ayres Cardoso	4:100	100
P. José Manoel Fernandes.	205	
Superiora da Visitação de Santa Maria (Porto).	18:000	206
Henrique Villela	350	
Do ex-agente da mesma obra dos sellos usados, Jeronymo Salgueiro (Braga).	850	60
P. Antonio de S. João dos Santos Vigario de Torre direita.	300	
(1) Total dos sellos e postaes recebidos	24:035	366

Rua das Aguas, 19.

O agente em Braga

José Fernandes Braga.

(1) A seu pedido deixou de ser agente o Ex.mo Snr. Jeronymo Salgueiro.

CARTAS PATENTES DA ORDEM TERCEIRA

Cada exemplar, tanto de admissão como de profissão. . . . . 10 rs.

Para as Veneraveis Ordens Terceiras, que requisitarem mais de 100, cada exemplar. . . 5 »

Cada patente é illustrada com uma bonita photogravura de S. Francisco, a dar o habito aos dous primeiros Santos da Ordem Terceira; contèm um resumo de todas as obrigações dos Irmãos Terceiros e de todas as indulgencias plenarias e parciaes que podem lucrar, com os respectivos dias.

Vende-as a snr.ª D. Thereza Maria de Jesus.—Carmo, casa das offertas. — Braga.

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Direcção. — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Rev.º Padre director da «Voz de S. Antonio», Collegio de S. Boaventura — Braga.

Assignatura. — 1$200 réis por anno, no reino e ilhas adjacentes; para os demais paizes accresce o importe do correio.

do negociante. A boa Susana fazia-lhe beber um remedio receitado pelo doutor que a observava attentamente.

— Que tem minha filha? perguntou Ambrosio não se podendo conter.

A menina como se aquella voz a reanimasse, balbuceou «papá!» Este beijou-a na fronte, e pôde então apreciar o calôr intenso que a abrasava. Quasi sem saber o que fazia pegou pelo braço ao medico e levou-o ao quarto visinho.

O doutor comprehendeu a agitação d'aquelle pae afflicto e aproveitou todos os meios de o tranquilisar; todavia não pôde occultar que a menina tinha symptomas d'uma febre cerebral.

— Esgotae todos os recursos da sciencia, meu caro amigo — dizia o pobre pae apertanto convulsivamente a mão do doutor — chamae outros collegas, não repareis nas despesas, mas salvae-me a minha filha! Sem ella não quero, não posso viver!

— Não estamos em caso tão desesperado, socegae. A enfermidade apresentou-se d'um modo brusco, mas com a ajuda de Deus vencel-a-hemos.

Apoz esta curta conversação voltaram ao quarto da doentinha. Maria não se apartava um só instonte da cabeceira de sua filha, sempre paciente e resignada, trazia á memoria aquella sentença de S. Ambrosio: «*quantos martyres de Christo não ha na obscuridade da vida domestica?*»

As horas que se seguiram fôram de tristeza indiscriptivel para o coração d'aquelles attribulados paes. Ambrosio não queria deixar por um momento o quarto de Angelina, porém como o seu estado de saude demandava repouso, obrigaram-n'o a retirar-se, ainda que o não fez senão na certeza que sua esposa já mais abandonaria a enferma.

Quando esteve só com o doutor, Maria insistiu para que lhe dissesse o que julgava da doença de sua filha, e, ainda que este procurou desfarçar, pôde comtudo divisar nos mutuos olhares que trocava com um collega chegado pouco antes que nenhuma esperança abrigavam de a salvar.

Maria pareceu esquecer os sentimentos de mãe para só se recordar dos de christã. Aproveitou um momento em que Angelina estava mais alliviada para lhe manifestar o desejo que tinha de que se confessasse. A menina annuiu alegremente, e ficou muito reanimada com a visita do senhor Cura que coincidiu com a de Ambrosio, que inquieto, jámais podia ter repouso.

O virtuoso sacerdote adeantou-se a cumprimental-o; e este aperto de mão foi como um laço que eternamente devia unir aquelles dois corações. Ambrosio apartou-se com sua esposa para o quarto circumvisinho emquanto o Cura ouvia a confissão da innocente creancinha.

Maria ia dar uma explicação a seu marido, mas este antes que ella proferisse uma palavra caiu-lhe nos braços a chorar como um menino. Houve um momento de silencio, momento em que aquellas duas almas se comprehenderam pela primeira vez. Maria mais forte na resignação pôde emfim exclamar:

— Valor, meu caro! Deus ouve a quem com fé o invoca peçamos-lhe pois o que mais convenha a nossa filha.

— Deus!... Deus!... como ha de ouvir a quem por tanto tempo o esqueceu!

N'este instante abriu-se a porta e entrou o venerando parocho que com a mais viva emoção lhes disse:

— Vossa filha deseja falar-vos; rogo-vos porém que procureis dominar-vos para não perturbar sua dôce tranquilidade.

Ambrosio fez um supremo esforço para se não trahir; tremulo, com passo vacilante e encostado ao sacerdote e a sua esposa dirigiu-se ao quarto de Angelina.

— Mandei-vos chamar para vos pedir uma graça; espero que, não m'a negareis.

— Oh sim! responderam ambos ao mesmo tempo.

— Já sabem que me estou preparando para ter o immenso gôso de receber a Jesus em meu peito; parecia-me demasiado o tempo que faltava para cumprir os meus desejos e muitas vezes pedi a Jesus que o abreviasse. Este bom Deus ouviu a minha oração; e tal é sua bondade que elle mesmo me quer vir visitar; para isso só me falta vosso consentimento, vossa benção e que me perdoeis tudo em que vos tenho offendido. Negar-me-heis este favor?!

— Filha da minha alma, exclamou Ambrosio, recebe-o quanto antes e pede-lhe se digne olhar misericordiosamente este desgraçado e indigno de toda a consolação.

As lagrimas corriam em fio pelas faces de Maria que dava graças a Deus pela conversão de seu marido. Ambos abençoaram